



**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
SUL DE MINAS GERAIS
Campus Inconfidentes

MARIA JULIANA RAMOS BERTUCCI

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
PERCEPÇÕES, MEMÓRIAS E REFLEXÕES DE UMA EDUCADORA.**

**INCONFIDENTES- MG
ABRIL- 2016**



MARIA JULIANA RAMOS BERTUCCI

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
PERCEPÇÕES, MEMÓRIAS E REFLEXÕES DE UMA EDUCADORA.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como pré-requisito para aprovação no curso de Especialização em Educação Infantil no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas - Câmpus Inconfidentes para obtenção do título de Especialista em Educação Infantil.

Orientadora: Prof. MSc. Melissa Salaro Bresci

**INCONFIDENTES – MG
ABRIL – 2016**

MARIA JULIANA RAMOS BERTUCCI

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
PERCEPÇÕES, MEMÓRIAS E REFLEXÕES DE UMA EDUCADORA.**

Data de aprovação: ___ de _____ 20___

**Prof. M^a. Melissa Salaro Bresci (IFSul de Minas - Campus Inconfidentes)
Professor Orientador**

**Prof. M^a. Paula Inácio Coelho (IFSul de Minas - Campus Inconfidentes)
Membro 1**

**Prof. M^a. Cleonice Maria da Silva (IFSul de Minas - Campus
Inconfidentes) Membro 2**

DEDICATÓRIA

A minha querida família que é à base de tudo em minha vida. Meu esposo Carlos Roberto, amigo e companheiro por toda vida, minhas amadas filhas Gabriely, Nicolý e Emanuely razão pela qual sempre procuro ser melhor como pessoa e profissional.

AGRADECIMENTOS

A Deus por permitir todas as manhãs o sopro de vida em mim, por fortalece-me nos momentos de desânimo e angústia. Ao meu marido que sempre esteve ao meu lado me ajudando e zelando pelas nossas filhas enquanto ausente estava.

Aos professores desde curso que me acompanharam e contribuíram na minha formação.

Aos meus colegas que direta ou indiretamente compartilharam comigo medos, incertezas e vitórias.

As minhas amigas Lucinéia e Leidiane que sempre estiveram ao meu lado incentivando, me ouvindo e apoiando.

Em especial a minha querida orientadora e porque não dizer amiga, pois sempre me incentivou, acreditou em mim tendo paciência e acima de tudo compartilhou desde sonho comigo de que chegaria a realizá-lo, fica minha gratidão a você que tanto contribuiu na minha formação.

SINFONIA DOS SONHOS

(Marcus Viana- Álbum: América Nacional)

*Os planos
E os sonhos
Que ardem em nós
Diamantes no fundo
De um rio a rolar
Cometas pelo céu
Os sonhos são assim
Essência luz das constelações
A plenitude do fim*

*Segue
A nave vida
Pelo azul
E os nossos desejos
Vão além*

*Teu corpo
Alegre
Colado ao meu*

*A vida
Pulsando
Na luz dessa manhã
Um novo mundo vem*

*Nós estaremos lá
Nas praias de um futuro bom
Grãos de areia a brilhar...*

SUMÁRIO

1.

<u>INTRODUÇÃO</u>	1
<u>CAPÍTULO 1 – LÁ NO PÉ DO MORRO</u>	3
1.1 ALGUÉM QUE SABE SONHAR	5
<u>1.2 O QUE A VIDA QUER DA GENTE</u>	7
<u>1.3 AS ESCOLHAS</u>	9
<u>1.4 VER, VIVER E REVIVER</u>	10
<u>CAPÍTULO 2- UM OLHAR SOBRE ALFABETIZAÇÃO</u>	11
2.1 O ATO DE LER E ESCREVER	13
<u>CAPÍTULO 3- REFLEXÕES SOBRE ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA PEQUENA A PARTIR DAS MINHAS VIVÊNCIAS ENQUANTO PROFESSORA</u>	16
<u>3-1 A CRIANÇA E A LEITURA</u>	21
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	26
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	27
<u>APÊNDICES</u>	29

RESUMO

O presente trabalho, em forma de memorial, foi resultado das necessidades profissionais que surgiram ao longo da carreira docente. Tem por objetivo teorias que pudessem melhorar o trabalho em sala de aula, bem como, buscar embasamentos teóricos para explicar o letramento na Educação Infantil, compreender e sanar dúvidas na prática docente. Partindo de experiências da sala de aula, constituído de leituras sobre a temática alfabetização e letramento, utilizando para tanto as anotações em forma de diário de bordo, registros dos alunos que eram observados diariamente, acompanhando o seu desenvolvimento durante todo ano letivo. O grande desafio deste trabalho foi reviver as memórias na infância, de estudante e professora e perceber como elas foram cruciais nas escolhas profissionais e na forma de trabalho. Assim, ao longo desta caminhada observou-se inúmeros aspectos dentro da questão da alfabetização da criança, seus caminhos e descaminhos e o quanto ainda se faz mais necessário o conhecimento teórico e a capacidade reflexiva de quem atua com elas, fica evidente que o professor tenha interesse e compromisso em buscar sempre melhorar sua metodologia.

Palavras-chave: Memorial, Alfabetização, Letramento, Educação Infantil.

ABSTRACT

This paper assignment edited in memorial format, was a result of many professional needs that came up over the years. Its main goal is to explain theoretically and practically the literacy on young children education. And also understand the teacher's procedures in class and answer any possible question as well. This memorial was made based on many classroom experiences, readings about literacy, and notes took in classes about the students during the school year. The greatest challenge here was bringing both childhood memories and teacher's memories back to interrelate them with the crucial later decisions over jobs. As the work was conceived we could see many important aspects about young children literacy and testify about their strive in learning, and we came to a conclusion that the teacher always needs to improve her methodology as the time passes.

Keywords: Memorial, Alphabetization, Literacy, Juvenile Education

INTRODUÇÃO

A leitura e escrita na educação infantil sempre foram assuntos pelos quais me interessei, acredito, a leitura é muito importante para vida, tem a ver com a história de todo indivíduo faz parte da identidade cultural de um povo.

Com os anos de permanência em sala de aula na educação infantil, deparei-me com diversas situações em que fui questionada por pessoas que pouco entendiam sobre as situações vividas em sala por um professor, as dúvidas que eu tinha à respeito nunca eram sanadas, pois quando procurava respostas, me deparava com quem também não sabia me responder.

Durante a vida docente, quantos de nós professores não deparamos com métodos, material didático, que, por vezes, é imposto a nós na ansiedade de cumprir metas? Acaba que se obtém pouco ou nenhum sucesso no ato de ensinar.

Minha dúvida e preocupação eram se realmente tudo o que era proposto tinha realmente alguma eficácia no aprendizado daquelas crianças.

Ao iniciar o curso em pós-graduação meu maior interesse era aprender teorias que pudessem me ajudar. Tinha como foco principal melhorar a didática em sala de aula, para mim era de fundamental importância melhorar o processo de ensino-aprendizagem para atender os alunos que me eram confiados. Entender como era possível a criança pequena ler e escrever, fato este que por inúmeras vezes já tinha presenciado. Encantava-me, perceber que ao longo do ano letivo era possível à criança compreender o mundo da escrita.

Quando iniciei este memorial queria relatar aqui uma parte do que mais me motivava aprender, assim tracei como objetivos: buscar embasamentos teóricos para explicar o letramento na pré-escola, compreender e sanar minhas dúvidas na prática docente. Partindo dos mesmos defini a estrutura que seguiria, optei junto com a orientação em dividir o texto em 3 capítulos, a saber: no capítulo 1 discuto minha trajetória enquanto estudante e professora, no capítulo 2 trago uma breve consideração sobre alfabetização e no capítulo 3 a inserção da criança pequena no mundo letrado.

Pesquisar sobre o tema o qual me propus foi desafiador e ao mesmo tempo prazeroso, digo desafios pelo fato de que teria que vencer minhas dificuldades, prazeroso pelo fato de que quanto mais lia, mais evidente ficava que estava no

caminho certo. As leituras realmente me levaram a compreender os mais diversos caminhos que podem ser percorridos para levar a criança a interessar-se pelo universo da leitura, entender minhas atitudes enquanto professora e os meios que utilizava para apresentar aos pequenos esta magia da escrita e da leitura também eram primordiais.

Aqui além das referências bibliográficas que utilizei, faço uso do diário de bordo que ao longo do ano me acompanhou no registro de incertezas, angústias e conquistas.

CAPÍTULO 1 – LÁ NO PÉ DO MORRO

Lá no pé do morro tem...
Uma menina, ninguém sabe quem.
Tão bonitinha
Ela quer se alguém...

(Xandreli)

Iniciar este memorial é relembrar a infância, minha primeira morada ao pé do morro, com água corrente que descia do alto da serra cortando-o entre as árvores até chegar em minha casa. Lembro-me como essa menina queria ser alguém.

Envolvida nas brincadeiras simples, sempre inventando e reinventando o que fazer, logo chegou o momento de ir para a escola; morava distante daquele grupo escolar, como era chamado na época. Minha caminhada era longa até a escola da zona rural, simples, pequena, com apenas dois banheiros, um para os meninos e outro para as meninas. Um cartaz em frente, uma cozinha pequena e finalmente as salas, duas, com uma divisória entre elas; de um lado, o primeiro e o segundo anos, do outro, o terceiro e o quarto anos.

Recordo bem da minha primeira professora, doce com uma voz suave, acolhia todos com muito carinho. Lembro-me da experiência das primeiras lições e o modo como fui alfabetizada, recordo-me de como aquelas professoras se desdobravam naquelas salas multisseriadas; eram poucos os alunos, e os poucos recursos eram o mínimo para o trabalho e saneamento das dificuldades daquelas crianças.

Como nos dias atuais, fica cada vez mais complexa e visível a forma de conduzir a criança no mundo da leitura e interpretação de textos.

Foi complicado para eu aprender a ler; sempre aquelas lições repetitivas e inúmeras cópias, a cartilha com lições das quais as palavras pareciam iguais, chegavam até a rimar.

Era como se não tivesse sentido para mim. Angústia sentia quando chegava a hora da lição e esquecia como era a pronúncia da família silábica. Segundo os

estudos de Soares (2011), só o aluno considerado alfabetizado era promovido à segunda série, tal por volta de 1980.

Era o que ocorria na minha época: enquanto não decodificava o código da escrita e lia com fluência a cartilha, não era promovida para a série seguinte. Na maioria das vezes, vencida a cartilha, mas sem saber interpretar o que lia.

Para Soares (2011, p.15), o termo alfabetização não ultrapassa o significado de “levar a aquisição do alfabeto”, ou seja, ensinar o código da língua escrita, ensinar habilidades de ler e escrever, alfabetização em sentido próprio específico: processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita.

Entre essas muitas facetas que permeavam o meu mundo da escrita e leitura, não eram frequentes histórias e diálogos em sala, ora por excesso das atividades, ora porque era apenas uma professora para atender duas salas diferentes e alunos com diferentes dificuldades.

Neste sentido, vale ressaltar que a linguagem é um fator necessário para a inserção do sujeito na sociedade, é por meio dela que a criança interage, amplia sua participação nas práticas sociais. Quando criança, as histórias de casos, por familiares que visitavam minha casa, eram inúmeras; ficava eu sempre ao redor, ouvindo, viajando e imaginando um mundo que estava muito distante de mim. Não me recordo de momentos de histórias na escola, mas me recordo do recreio: um momento mágico, permeado de muitas brincadeiras e cantigas de roda, uma interação entre todos, marcada por muitos significados culturais.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998 vol.3 p.117) afirma que:

Aprender a língua não é somente aprender palavras, mas também os seus significados culturais, e, com eles os modos pelos quais as pessoas do seu meio sociocultural entendem, interpretam e representam a realidade.

1.1 - ALGUÉM QUE SABE SONHAR

Alguém que sabe sonhar
Cheia de vida, adora dançar
Sabe se alegrar
Ela é moça do bem
Ela quer ser alguém...
(Xandreli)

Minha mãe, em sua mocidade, era responsável por ensinar os outros a ler; era ela a mais letrada em relação aos demais. Sempre me lembrava da importância de frequentar a escola. Na segunda série, lembro-me que ainda não lia com exatidão as lições e, na leitura individual de uma delas, relembro que a professora apontava com a régua para lousa o número 214 para que eu lesse, mas não consegui, assim como em todas as outras atividades, no fim daquele ano veio a tão temida notícia: iria permanecer na segunda série por mais um ano.

Foi muito triste o olhar dos colegas, o sentimento de fracasso. Prometi que aquilo nunca mais iria acontecer; o ano findou, passaram-se as festas de fim de ano e, com isso, os sonhos renovaram-se.

Mas aquela menina ainda sonhava, com suas canetinhas coloridas pintava um futuro de múltiplas cores. O tempo passou e permaneci naquela escola até o terceiro ano, depois, mudamo-nos para outro bairro e comecei a frequentar uma escola maior; já estava no quarto ano.

Minha professora era amável e se preocupava muito com o aprendizado de seus alunos. Lembro que, para incentivar a leitura e despertar o interesse da turma, ela lia histórias dentro da sala para todos; era um silêncio absoluto, eu adorava.

Na quinta série, a professora de Português apresentou para mim o mundo da leitura. Sempre nos levava à biblioteca da escola e muitas de suas narrativas eram permeadas da seguinte fala: “Os livros podem levar vocês para o mundo inteiro, nos lugares mais maravilhosos que existe, e a leitura é a coisa mais importante...”

Sua intenção era que nos apropriássemos da leitura e compreendêssemos o que queriam dizer os textos e livros. Nossa comunicação era ótima, porém, registrar ideias e pensamentos por meio da escrita era complicado e muitas vezes desastroso.

Gontijo (2003), em seus estudos, afirma que, para que a criança aprenda a falar, é suficiente que ela conviva com sujeitos falantes de uma determinada língua. No entanto, para que a criança aprenda a ler e escrever não é suficiente a convivência com pessoas letradas. Tal convivência poderá ensinar muito sobre os usos sociais da escrita, mas não possibilitará que a criança passe a usar a escrita para se comunicar com outras pessoas e registrar suas ideias e pensamentos. Escrever e ler exige domínio da capacidade de refletir sobre a linguagem. Marsiglia (2011 p.59) afirma

Ler e escrever significa dominar instrumentos que permitem compreender a sociedade, sua dinâmica e relações contraditórias, históricas e a totalidade dos fenômenos. Mesmo antes de dominar o código escrito, a criança está exposta a situações comunicativas informais.

Compreender as significações e interpretações era complicado; as influências foram inúmeras ao longo da jornada do Ensino Fundamental, tive bons professores, mas alguns marcaram minha vida de forma muito negativa em todos os sentidos.

Superava o desprezo destes com o carinho e atenção dos outros. Hoje, ao refletir sobre minha caminhada, sei que as palavras de apoio e incentivo ajudaram-me consideravelmente. A formatura chegou e, mais uma vez, as coisas mudariam para mim.

2 - O QUE A VIDA QUER DA GENTE...

O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem...

(Guimarães Rosa 1994, p.334)

Havia terminado o oitavo ano, e minha jornada ainda não estava por terminar. Nesta época, já fazia vários trabalhos manuais para ter minha própria renda, e o estudo ficava para o período da noite.

O primeiro ano, 1995, era básico para todos, mas minha decisão viria mesmo no segundo ano. Inicialmente optei pelo curso técnico de Química, em Andradas, pois sempre apreciei ciências exatas; logo no primeiro dia de aula, com a sala superlotada, desejei mudar de curso: saí da sala e me dirigi à Secretaria, solicitando transferência para o Magistério.

Meus planos eram mudar de cidade, trabalhar, continuar os estudos. A cidade para a qual pretendia ir, Jacutinga, não possuía o curso de Química, então a opção realmente deu-se pelo Magistério.

No início, não havia muitas perspectivas em relação ao curso, mas, assim como no passado, encontrei professores que despertaram em mim outros olhares.

O ano passou rápido e realmente mudei-me para Jacutinga: trabalhava durante o dia e estudava à noite. Meu trabalho exigia muito de mim, pois era balconista em uma loja de malhas e, na época, fui tendo várias obrigações. Não tinha muito tempo para leitura e nem para pesquisas dos trabalhos, a maioria das colegas trabalhavam como eu. Com o passar dos bimestres, percebia não querer aquela profissão para mim. Muito diferente foi o segundo ano, quando iniciei meus estágios, presenciei ótimas professoras desenvolvendo excelentes trabalhos, pensava que se um dia tornasse-me professora, desejava ter o mesmo entusiasmo ao ensinar e resgatar aquelas crianças de uma realidade muitas vezes dura e triste.

No terceiro ano, em 1997, não tive a mesma sorte nos estágios: as professoras demonstravam constante desinteresse, afirmavam sempre que vida de professora era muito sofrida. Por todas as salas por que passei encontrei apenas uma professora segura e ativa em tudo que ensinava, ela tinha algo diferente, e aquele mesmo sentimento que tive no ano anterior afluía em mim novamente.

Todavia, no final do curso, uma professora fez-me acreditar que nunca seria professora; dizia que não tinha dom. Acreditei nisso por muitos anos.

A formatura chegou à festa foi espetacular, mas sabia que acabava ali minha jornada. Continuei como balconista ante minha condição financeira. O tempo passou e eu me tornava cada vez mais envolvida em uma área administrativa. A maternidade chegou e os anos foram passando. O sonho de cursar uma faculdade ficou adormecido.

A coragem de mudar realmente chegou quando minhas filhas já eram maiores; nesta época, já tinha me desvincilhado do emprego que exigia tanto de mim, minha caçula iniciava a escolinha. Resolvi enviar meu currículo para a Secretaria Municipal de Educação e aí tudo iria mudar novamente.

1.3 - AS ESCOLHAS...

Ou se tem chuva e não se tem sol,

Ou se tem sol e não se tem chuva!

(Cecília Meirelles, 1990, p.72)

Fui chamada para lecionar na educação infantil. Os desafios foram imensos, encontrei nesta caminhada vários professores, alguns bons profissionais, outros nem tanto. Deparava-me todos os dias com aqueles pequenos, sedentos em aprender, e minhas teorias adormecidas, às vezes, ficavam esquecidas. Muito insegura diante daquela situação - já tinha se passado muito tempo desde a formatura do magistério - e eu estava completamente despreparada para tal.

Sabia que encontraria obstáculos e teria que superá-los. Como diz Meireles, “Ou se tem chuva e não se tem sol, ou se tem sol e não se tem chuva”. Tive muitos dias de tempestades, enfrentando-os sozinha; em outras ocasiões, dias de sol em que aprendi muito.

Passava horas para fazer meu plano de aula, pesquisava em livros e observava muito aquelas crianças que todos os dias ensinavam-me algo novo.

A busca de melhorar, de aprender com minhas observações, levaram-me a compreender que queria aperfeiçoar-me como professora: foi aí que surgiu a oportunidade de retomar os estudos.

Iniciei no curso de Pedagogia em 2006. No início, não tinha muitas expectativas quanto à formação, mas o tempo foi passando e um leque abria-se

diante de mim ao perceber que poderia percorrer outros caminhos diferentes do que já tinha percorrido.

Foi intenso e complicado finalizar o curso, mas consegui chegar à formatura. Porém, algo ainda estava em conflito dentro de mim; o tempo passou como dias de chuva, às vezes tempestades, por outras vezes dias lindos de sol. A carreira docente exigia mais da professorinha que tinha iniciado de forma insegura e receosa.

Por muitas vezes, ao observar ou questionar, queria entender, compreender como era possível ensinar aqueles pequenos de maneira que possibilitasse um aprendizado que viesse ao encontro dos seus anseios.

1.4 - VER, VIVER E REVIVER.

Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando. (Guimarães Rosa 1994, p.39)

As pessoas não nascem iguais e não estão sempre iguais. Não enfastiava de me olhar enquanto estando em uma sala de aula, as cobraças, vencer os conteúdos e conseguir metas. Passava o tempo, e compreender meu papel enquanto professora tornava-se cada vez mais necessário; procurava respostas para meus questionamentos, mas ficava sem elas, sentindo-me por vezes vencida por um sistema que não percebe a criança.

Olhar ao meu redor era observar crianças sedentas por algo que lhes fizessem compreender o porquê de estar naquele espaço de aprendizagem, manusear, tocar, fazer, criar e recriar de diversas formas.

Eu estava junto delas, cabia a mim conduzi-las, no entanto, por vezes sentia-me cumpridora de tarefas, fazendo com que os pequenos reproduzissem, com a intenção de que aprendessem. Em verdade, eles estavam desaprendendo, e eu não ficava feliz, procurava, no meio desta fraudulenta necessidade do “fazer”, reinventar e tornar a leitura mais leve e prazerosa para aquelas crianças.

Entender de que forma ensinar aquelas crianças era crucial para mim, compreender teorias que viessem ao encontro das minhas necessidades, os meus

questionamentos e angústias. Não queria que apenas reproduzissem, mas que entendessem o significado da leitura e escrita para a vida.

Gontijo (2002) destaca em seus estudos os sentidos da alfabetização na fala dos sujeitos, na maioria interpretada como forma de levar o sujeito a contribuir para uma sociedade capitalista, cuja necessidade maior é a atividade econômica e industrial, em que a escolarização faz-se necessária para atender as indústrias.

Meu desejo para aqueles pequenos estava além do reproduzir; queria que, ao manusear um livro, ouvir uma história, observar uma imagem, dançar ou interpretar uma música, tudo fizesse alguma diferença para eles.

Em busca desta diferença, os meus estudos no curso de Pós-Graduação em Educação Infantil muito contribuíram com a realidade em que estava inserida. As angústias eram imensas, seja por desconhecimento de teorias, seja pela alegria em ver as crianças lendo e interpretando ao findar o ano letivo.

Alfabetizar a criança pequena não era necessariamente minha intenção. Precisava primeiro sanar as inquietudes que por muito tempo estavam em constante conflito com o meu pensar e agir dentro da sala de aula.

Na intenção de entender o que se passava dentro da minha própria sala de aula é que se baseia o estudo apresentado neste memorial, através também do estudo de autores que corroborassem com as minhas necessidades.

CAPÍTULO 2- UM OLHAR SOBRE A ALFABETIZAÇÃO.

Quero falar de uma coisa
Adivinha onde ela anda
Deve estar dentro do peito
Ou caminha pelo ar...
(Milton Nascimento)

Tendo em vista a minha caminhada anteriormente descrita, neste momento é preciso delinear as dificuldades que as escolas enfrentam para alfabetizar de modo geral os brasileiros. São muitas as questões, históricas, sociais, culturais, políticas, que perpassam a sociedade. Um aspecto que sempre está presente nas discussões e estudos por pesquisadores na educação são sobre métodos de alfabetização, debates e análises da língua em unidades linguísticas, que papel ela ocupa no processo da alfabetização, o que se devem analisar, quem realiza e de que modo.

Questões como estas têm gerado estudos, propostas e metodologias de alfabetização, mas ainda há divergências entre muitos pesquisadores. Desde o final do século passado, nos anos de 1990, a discussão sobre este tema tem sido feita de forma constante, buscando explicação e compreensão de aspectos recorrentes no processo de alfabetização.

Assim como citado nos estudos de Goulart (2006), há críticas aos estudos linguísticos por terem esquecido o indivíduo falante, pensando-se mais no ato de reproduzir e esquecendo-se da consciência fonológica da criança.

A linguagem é um fator necessário para inserção do sujeito na sociedade; é por meio dela que a criança interage, amplia sua participação nas práticas sociais. Segundo Stemmer (2010, p.156)

A criança que aprendeu a trabalhar com a oralidade em toda sua diversidade de gêneros mostrará desenvoltura no trabalho com texto escrito. Afinal, hoje não esperamos da criança apenas que se alfabetize, que venha ter o domínio das letras e das sílabas: esperamos que se constituam em produtoras de textos.

Por meio da linguagem que se dá o desenvolvimento do pensamento, sua formação e a construção de suas relações. Ao observar as práticas diárias nas atividades de rotina com as crianças pequenas em período escolar entre outras situações que buscam estimular o desenvolvimento da linguagem oral. É a partir de momentos como estes que as crianças ampliam suas habilidades no uso da linguagem, variam os modos de falar, aprendem a estruturar textos oralmente, interagir cada vez mais de modo autônomo por meio da fala, aprendem a ouvir e responder perguntas de modo mais ativo.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, vol.3 p.120) afirma que:

A linguagem oral possibilita comunicar ideias, pensamentos e intenções de diversas naturezas, influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais. Seu aprendizado acontece dentro de um contexto. As palavras só têm sentido em enunciados e textos que significam e são significados por situações.

Para promover a aprendizagem da língua, é necessário desenvolver a capacidade de expressar e comunicar, permitindo o acesso das crianças a diferentes textos impressos, favorecendo e estimulando o seu acesso a um mundo letrado.

No entanto, Martins (2010) considera pertinente a reflexão a respeito da linguagem oral infantil: na medida em que a criança aprendeu a trabalhar com a oralidade em toda sua diversidade de gênero, mostrará desenvoltura no trabalho com texto escrito.

Pensar ou repensar a alfabetização a partir dos elementos citados acima requer o conhecimento e algumas revisões nos modos de alfabetizar. Segundo Goulart apud Moyses (2006, p.3).

Os alunos são considerados alfabetizados pela escola, mas, no entanto, não modificam, ou modificam muito pouco, a sua condição de pertencimento à sociedade letrada. Essa incapacidade gera nos alunos sentimentos de incompetência e de impotência que reforçam a sua “desqualificação” social.

2.1 - O ATO DE LER E ESCREVER

Goulart (2006) afirma que ler e escrever envolve conhecimento de linguagens sociais, histórica e socialmente através de recursos expressivos que foram organizando-se oralmente e por escrito; esta organização refletiu sobre as necessidades humanas nas mais diversas situações sociais. Ensinar a língua escrita requer considerar tais pressupostos, para que não perca suas características, seu vigor e seus múltiplos sentidos num espaço de liberdade de entrada e saída do sujeito. A linguagem permite-nos várias possibilidades de ver o mundo, amplia nossa realidade e possibilita a participação do indivíduo de forma ativa e compreensiva na sociedade em que pertence. De acordo com Marsiglia (2011, p. 59),

A escrita é uma construção social que modificou ao longo do tempo e que se estabeleceu na história humana por necessidades como o registro, a transmissão de conhecimentos e a comunicação.

Neste sentido o ato de ler e escrever foram sendo modificado social e historicamente, através de recursos expressivos. Com o decorrer do tempo, foi se organizando oralmente e por escrito, tornaram-se organizados ante as mais variadas situações sociais e humanas. Para Stemmer (2010 p.129), “a leitura e a escrita alteraram-se ao mesmo tempo em que se alteraram diferentes práticas sociais”.

Desta forma, para entender o envolvimento das crianças com textos elaborados e interpretados por elas, é preciso que elas estejam envolvidas nas atividades, oferecendo modos de participação. Elas podem aprender interagindo, participando de situações variadas em que adultos e crianças mais experientes possibilitem este contato, propiciando, por meio de ações de leitura, produção de textos e interpretações orais e reflexão sobre a língua.

As histórias recontadas e os diferentes tipos de textos lidos para as crianças pequenas são meios pelos quais as crianças ampliam seu repertório textual e suas experiências com o letramento¹; é por meio de experiências como estas que as crianças têm contato com diferentes práticas do uso social da escrita, de diferentes maneiras em que a leitura e a escrita ocupam em nossa vida.

¹ Soares apud Gontijo (2008, p.31) “letramento também é um conceito amplo que serve para nomear o estado e a condição que os indivíduos ou grupos sociais para fazer uso da leitura e da escrita na sociedade.”

Para Stemmer (2010, p.137), “Desde muito cedo a criança estará exposta a um universo escrito que faz parte da própria organização da rotina”, ou seja, a criança está presente nas mais variadas interações discursivas e escritas.

As formas de letramento estão presentes nas mais variadas atividades do cotidiano escolar, nas interações discursivas entre a professora e as crianças, sem necessariamente que a linguagem escrita esteja presente.

Atividades de rotina em rodinha são indícios da cultura letrada, sobressaem as práticas discursivas orais, tanto por parte das crianças quanto por parte da professora, gerando diferentes linguagens sociais. Falando ou escrevendo de qualquer forma, as crianças estão produzindo sentidos e aprendendo diferentes modos de responder a perguntas, usando a modalidade oral e escrita.

Stemmer (2010) afirma que o mundo da escrita é parte do seu cotidiano, não apenas por intermédio de estímulos visuais e gráficos, mas como auxílio importante na própria organização desse cotidiano.

Já o RCNEI (1998, Vol. 3 p.122):

Para aprender a ler e escrever, a criança precisa construir um conhecimento de natureza conceitual: precisa compreender não só o que representa graficamente a linguagem. Isso significa que a alfabetização não é o desenvolvimento de capacidades relacionadas à percepção, memorização e treino de um conjunto de habilidades sensório-motoras. É antes, um processo no qual as crianças precisam resolver problemas de natureza lógica até chegarem a compreender de que forma a escrita alfabética em português representa a linguagem, e assim poderem escrever e ler por si mesmas.

Nesta perspectiva, parte do letramento apresenta, por meio da oralidade, nas linguagens sociais em que as crianças são envolvidas, nos objetos que as cercam, os gêneros do discurso com os quais entram em contato; tudo conduz à ampliação e pertencimento de uma cultura letrada.

É observado que o letramento está presente desde o reconhecer e escrever do próprio nome e pela linguagem clara e articulada, mesmo que haja uma variação linguística identificada pelas próprias crianças, os modos de interpretar os mais

diversos discursos orais e escritos, esculpe a forma, mostrando como a linguagem escrita funciona e como produz sentidos.

Provocar o olhar, chamar atenção de detalhes, de sentidos e de formas é um papel fundamental do professor para que haja a necessidade e o desafio de alfabetizar letrando, ou letrar alfabetizando. Ler e escrever na educação infantil pode ser uma consequência da ampliação do conhecimento do mundo letrado.

As variáveis aqui apresentadas e observadas levam a crer que a necessidade e o acesso a diferentes contextos, seja ele escrito ou figurado, desenvolvem o interesse da criança pela leitura e escrita, mesmo que ela venha utilizar diferentes formas de interpretação ou expressão.

Sendo assim, é necessário compreender a inserção da criança pequena neste mundo da alfabetização.

CAPÍTULO 3 - REFLEXÕES SOBRE A ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA PEQUENA A PARTIR DAS MINHAS VIVÊNCIAS ENQUANTO PROFESSORA.

Já podaram seus momentos
Desviaram seu destino
Seu sorriso de menino
Quantas vezes se escondeu
Mas renova-se a
esperança...
(Milton Nascimento)

Diante das dificuldades que diariamente a escola enfrenta para levar o indivíduo à aquisição da leitura e escrita, as mudanças sociais que têm sido constantes; com isso surgem novos conhecimentos na área da educação. O desafio para que as crianças consigam interpretar textos, ler com fluência, sabendo interpretar, está além do ato de alfabetizar com o letramento, no entanto, segue-se uma nova perspectiva de ampliar o ato de alfabetizar. Para que possamos compreender esta nova perspectiva, vale recordar o que é alfabetizar e alguns conceitos deste ato.

Segundo os estudos e pesquisas de Soares (2003), de acordo com dados divulgados pelo Ministério da Educação na década de 1980, época em que se intensificou a democratização da educação, a escola passou a receber um número de alunos muito mais numeroso e heterogêneo.

Por volta dos anos 1980, quando a organização por ciclos começou a ser introduzida no Brasil, a 1ª série correspondia à série de alfabetização; só o aluno considerado alfabetizado era promovido à 2ª série. (LDB lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996).

No entanto, ao nos depararmos com a atual situação da escolarização do país, percebe-se que ainda hoje há uma vasta defasagem no processo de alfabetização. O Brasil parece tornar a repetir práticas do passado, desconhecendo a real situação do problema.

Por falta de estudos sobre diferentes áreas do conhecimento que discernem bem o processo no ato de alfabetizar – estudos estes existentes, embora muitas vezes ignorados, transferindo os problemas para os alunos - no contexto cultural em

que está inserido, na má formação ou incompetência do professor, no método ou material didático, enfim são inúmeras as divergências que envolvem professor e aluno.

É preciso compreender a questão da alfabetização e as inúmeras dificuldades em ensinar a pessoa a ler e a escrever. Como descrevo no diário de bordo do mês de fevereiro nos apêndices deste trabalho, usando diferentes alternativas para despertar o interesse da criança pequena, e nesta tentativa, compreender a questão da alfabetização.

É válido ressaltar aqui o pensamento das autoras Soares e Gontijo sobre o termo alfabetização. Para Soares (2011, p.15), o termo não ultrapassa o significado de “levar a aquisição do alfabeto”, ou seja, ensinar o código da língua escrita, ensinar habilidades de ler e escrever, alfabetização em seu sentido próprio específico: processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita.

Neste sentido, a alfabetização tinha por intenção que o aluno tivesse domínio sobre os códigos, dominando-os e fazendo uso deles como reproduzir e repetir; após um período, poderia dominar a leitura de textos, livros de histórias, entre outros. Por um longo tempo, ou até mesmo nos dias atuais, prevalece o fato de reproduzir constantemente códigos, o fazer e refazer automaticamente sem que isso venha fazer sentido para a criança; descrevo esta impressão no dia 10 de junho.

Passei um bom tempo sem fazer meus registros; ocorreram vários fatos que me deixaram desmotivadas.

É uma luta constante sobre o fazer, necessidade de cumprir as burocracias, sensação de que estou o tempo todo reproduzindo; tenho a necessidade de mudar isso, mas o sistema não permite.

O conflito entre as leituras que tenho feito e a minha realidade é constante, cada vez tenho a certeza de que aprofundar meus estudos para melhorar minha prática é fundamental.

Todos estes acontecimentos me fizeram refletir sobre o que a autora destaca em seguida.

No entanto, Gontijo (2002 pag.41) afirma:

O sistema de escrita é um conhecimento historicamente constituído a partir da ação humana. Dessa forma, o seu domínio pelas crianças envolve apropriação de um conhecimento universal e, portanto, necessário à formação da humanidade. Desse modo, a alfabetização é um processo de inserção da criança no universo da genericidade, ou seja, é o processo pelo qual os indivíduos tomam para si o resultado do desenvolvimento histórico-social (linguagem escrita), a fim de desenvolver habilidades máximas da humanidade, quais sejam da universalidade e liberdade do homem.

Neste sentido, nos relatos feitos pelas crianças em sala de aula, constatam-se as mais variadas formas de apropriarem-se do sistema da escrita e leitura, desde o primeiro livro, quando ouvem histórias em casa contada pelos pais, o acesso aos mais variados tipos de textos, entendendo que ler o mundo e interpretá-lo não é somente reproduzir códigos, mas ver, tocar, ouvir, sentir, possibilitando que tudo que os cercam façam sentido para eles.

Começamos com material novo hoje: apostila. As atividades que tínhamos que realizar era de interpretação de imagens, registro por meio de escrita, desenho e brincadeiras com parlenda referente ao nome; transcrevi a parlenda no papel manilha para melhor visualização da turma, o objetivo desta atividade era que identificassem o nome do colega fazendo associação entre letras, imagens e desenho. O resultado foi muito bom, os desenhos que fizeram uns dos outros ficaram lindos, assim como a escrita, entenderam a sequência das letras e o mais importante, interpretaram com êxito o que foi pedido.

Percebo que a cada dia a sala tem correspondido melhor aos conteúdos trabalhados como também no comportamento, estão se envolvendo nas leituras de imagens e interpretação orais dos textos. Procuro variar entre poesia, poemas, músicas, histórias e brincadeiras cantadas.

Sempre debatemos sobre o que é proposto para o dia, tenho a impressão de que estão compreendendo, através de seus relatos, o envolvimento com as atividades e a forma que estão interpretando os textos a cada dia, estão vencendo

suas limitações e dificuldades. Quando manuseiam os livrinhos de história, peço que recontem o que entenderam da história observada, é impressionante o repertório e os detalhes que a maioria consegue incluir em sua imaginação enquanto contam o que estão vendo.

Uma brincadeira com parlenda sobre o próprio nome da criança leva-as a pensar e a refletir sobre o que escrevem.

No entanto, há quem considere que a alfabetização é necessária para a formação do indivíduo no sentido de realizar tarefas do seu cotidiano, como a realização de atividades escolares e a aptidão para o trabalho. Alfabetizar refere-se ao fato de adquirir habilidades para leitura e a escrita, por meio de escolarização da instrução formal. Gontijo (2002, p.46) ressalta ainda que:

Os sentidos destacados nas falas dos sujeitos, estão associados a sentidos construídos para a alfabetização numa sociedade capitalista cuja principal atividade econômica é a indústria, desse modo, faz-se necessária à escolarização dos trabalhadores.

A escola, porém, não é o único espaço alfabetizador, embora seja neste lugar que o processo de alfabetização é desenvolvido de modo mais sistemático, onde podemos compreender e ampliar nosso conhecimento sobre o mundo da escrita, sendo necessário desmistificar este ato para que não se torne uma alienação, mas esclarecedor e libertador.

Na atualidade, percebemos que alfabetizar vai além do simples fato de decodificar códigos e reproduzir. Não é algo desconexo do mundo, envolve um processo de construção do conhecimento, com intenção de criar e reconhecer na sociedade sujeitos autônomos, críticos e ativos.

Na descrição do diário de bordo do dia 30 de março,

Fizemos nossa rotina do dia e trabalhamos com um texto informativo sobre arquivista.

Fizemos um trabalho extraclasse dirigindo-nos até a secretaria da escola para visitar os arquivos, para que tivessem uma ideia de como é um arquivo.

Exploramos todas as possibilidades, desde como é a organização, começo e fim de um arquivo por ordem alfabética, e quem era responsável por ele.

Usei a terminação da palavra 'arquivo' para reforçar a vogal 'o'; agora já entendem o que é uma palavra e sabem encontrar sozinhos na revista e recortar.

Na conclusão da atividade da apostila, fizeram a escrita imitativa do nome da pessoa responsável pelo arquivo da escola. Servi como escriba dos alunos, mas eles foram identificando a inicial do nome associando o som das letras, dizendo qual era a letra que eu tinha que escrever na lousa, depois representaram através de desenho a pessoa.

Que bom perceber que aos poucos meus pequenos estão compreendendo o que eles mesmos realizam e escrevem. Apesar de trabalhar as letras por ordem alfabética, não deixo de explorá-las em outros contextos e isso tem contribuído melhor para o aprendizado da turma.

Fica evidente que formas diferentes de levá-los a compreender a escrita e a leitura têm sentido para eles e contribuem melhor para a compreensão neste processo de leitura.

3.1- REFLEXÕES SOBRE A CRIANÇA E A LEITURA

Inserir a criança pequena em uma atmosfera de leitura e escrita transcende o fato de decodificar e reproduzir códigos, mas ampliar o domínio dessas habilidades na prática social. Considerar o letramento na educação infantil é compreender a importância da aprendizagem da linguagem oral e escrita, ampliar possibilidades de imersão e participação nas práticas sociais. Para Gontijo (2007, p.136):

Diferentemente da aprendizagem da linguagem oral, não é suficiente que as crianças tenham nascido em um meio social onde vivem pessoas letradas para que venham a aprender a ler e a escrever os processos que se constituem nas crianças, durante a fase de alfabetização, resultam das relações com outras pessoas (adultos ou outras crianças) que lhes ensinam a ler e escrever. Do ponto de vista pedagógico, é essencial ter em mente que a capacidade de usar a escrita para si como os outros a utilizam não surge e se desenvolve de forma espontânea e naturalmente. Uma criança que passa a usar as letras do alfabeto para escrever as suas ideias, as alheias, para

recordar e para intervir sobre os outros precisa vivenciar inúmeras situações em que as pessoas leem e escrevem para ela e a incentivam a ler e a escrever.

Ao pensarmos que a escrita está presente em todo entorno da sociedade e que as crianças vivenciam uma sociedade letrada, percebe-se que durante muito tempo aprenderam decorando e formando palavras desconexas; muitas mudanças ocorreram durante os séculos, e a educação não deixou de ser indiferente a essas mudanças.

Na busca incessante por alternativas que viessem reforçar a necessidade de erradicar o analfabetismo, o letramento surge como uma perspectiva de sanar estas dificuldades. Os estudos sobre o letramento no Brasil vêm acontecendo de forma vigorosa, sofrendo alterações nas habilidades de codificar e decodificar, com intenções específicas de que sejam desenvolvidas as capacidades de usar a leitura e a escrita para uma prática social.

Soares apud Gontijo (2008, p.29):

A necessidade de uso do termo letramento, argumentando que a contínua superação do analfabetismo, decorrente de um número cada vez maior de pessoas que aprenderam a ler e a escrever, aliada ao fato de a sociedade se tornar mais “centrada na escrita” evidenciou um novo fenômeno.

E acrescenta:

Não basta apenas aprender a ler e a escrever. As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática de leitura e escrita, para envolver-se com práticas sociais de escrita.

Neste sentido pode se dizer que o sujeito adquire habilidades para a escrita, mas não faz uso na sua totalidade, não basta ser alfabetizado é preciso que o indivíduo faça uso, que tenha condições suficientes para inserir-se no mundo da leitura e nas práticas sociais que ocupa na sociedade. Segundo Gontijo (2008, p.30):

Para que um indivíduo ou grupo de indivíduos possa ser considerado letrado, não basta ser alfabetizado, mas é preciso estar em condições de fazer uso da leitura e da escrita na sociedade, ou seja, ter adquirido um estado

que possibilite a sua inserção em práticas sociais de leitura e de escrita.

As instituições encarregam de introduzir fortemente o indivíduo no mundo da escrita, a alfabetização é uma das práticas do letramento.

O uso do conceito de letramento e os argumentos que o explicam podem servir a interesses impensados: por exemplo, a ideia de que o processo de alfabetização não se constituir requisito para o alcance de um determinado nível de letramento pode induzir a questionamentos sobre a necessidade de garantia de acesso ao ensino-aprendizagem da leitura e da escrita; o que seria desastroso para os indivíduos que vivem em um meio social não letrado. (Gontijo, 2008,p.31)

Gontijo (2008) ainda destaca que devemos distinguir estes processos de alfabetização e letramento, considerando que um pertence ao âmbito individual e o outro focaliza somente aspectos sócio-históricos, porque os estudos sobre letramento detêm-se nas análises dos impactos da incorporação da língua escrita em sociedades ou grupos, enquanto o processo de alfabetização detêm-se em aspectos relacionados com aquisição do código.

No entanto, para a autora essa distinção lhe parece desprovida se pensar que o social é aquilo que acontece ou reflete em um determinado grupo ou sociedade e individual é o que acontece com o indivíduo. Considerar que a leitura e a escrita são desenvolvidas na criança dessa forma não é uma forma definitiva de conceber este processo.

Como no relato do diário de bordo dia 8 de abril;

Hoje me surpreendi na aula, alguns fatos que ocorrem dentro da sala de aula faz com possamos acreditar que vale apenas insistir no que acreditamos. As atividades de rotina na rodinha são sempre marcadas por relatos dos pequenos desde problemas familiares, seus medos e inseguranças até fantasias e desejos para o futuro.

Em especial hoje, não foi diferente. Iniciamos nossa aula com as rotinas do dia e, quando fomos fazer a contagem dos coleguinhas, sempre permito que eles contem e registrem na lousa a quantidade e o número referente a esta quantidade.

A pequena que foi registrar a quantidade na lousa fez o seguinte relato: Tia, você sabe por que já sei contar e reconheço todos os números?

E eu, como desde o início do ano letivo já tinha percebido que esta pequena demonstrava um interesse muito aparente em tudo, respondi: Por quê?

E ela continuou, 'sabem, coleguinhas, desde que eu era muito pequena minha mãe me levava para o trabalho dela, lá no supermercado do meu vovô, quando ela ia arrumar as prateleiras já me mostrava os números e as letras nas mercadorias, sentava pertinho dela no caixa e brincava nas teclas do computador, repetia pra elas o nome das letras, números e as continhas faziam bolinhas no papel foi assim que comecei a aprender'.

E ainda continuou: Minha mãe me conta muitas histórias, faço desenhos e treino minha mãozinha em casa.

Realmente é nítido que esta pequena é marcada por incentivos: para ela, a fantasia do aprender é marcada por prazer em tudo que faz. O tempo todo ela incentiva os coleguinhas a aprender, suas narrativas em sala são pertinentes aos relatos de sua mãe sobre o interesse nos livros e tudo que visualiza em casa, nas ruas, sempre tentando interpretar o que vê.

Que alegria perceber que o incentivo desta pequena em relação aos outros tem surtido efeitos positivos.

Quando a criança desde muito cedo é envolvida em diversas possibilidades de leitura, sua condição para o aprendizado torna-se ampla, ao mesmo tempo, ela se apropria durante a alfabetização de um objeto que faz parte de sua cultura, resultado de uma prática da vida social da qual esta inserida.

Tudo que acontece com e no indivíduo é social. A alfabetização é um processo histórico-social de inserção da criança no mundo da linguagem escrita ou da cultura escrita. Primeiro, porque as crianças apropriam-se, durante a alfabetização, de um objeto cultural, resultado da prática e da vida social (a escrita). (Gontijo, 2008 p.32).

Assim descrito no diário de bordo do dia 17 de agosto;

As crianças manusearam figuras de brinquedos antigos e contemporâneos na aula de hoje, fazendo comparações entre eles para relatar diferenças e semelhanças entre as figuras.

Fizeram interpretação do texto informativo sobre como as crianças indígenas brincam, as impressões dos pequenos sobre o assunto relacionado aos brinquedos foram muito boas. É interessante como eles relacionam as informações prévias, que já possuem sobre o assunto, com as que ainda desconhecem, fazendo a ligação entre uma e outra, e os debates têm se tornado produtivo na aula.

As atividades foram relacionadas aos tipos de materiais usados para confeccionar estes brinquedos, identificando as iniciais de cada um, contando as letras, fazendo associação aos números correspondentes e à escrita espontânea do nome desses brinquedos.

Na escrita espontânea, percebe-se que alguns alunos já apresentam facilidade entre o som e letra e, com isso, conseguem formar sílabas. Fato este que diariamente noto: as crianças que possuem contato com diferentes formas de gêneros textuais e estímulo em casa apresentam mais facilidade com as atividades em sala.

As produções humanas, a maneira como vivem e se relacionam são criadas e recriadas ao longo dos tempos por pessoas envolvidas em um grupo social, entretanto, deve-se considerar que social e individual estão interligados entre si, fazendo parte da vida diária das pessoas. Para Gontijo (2008, p.33):

O que caracteriza ao processo de alfabetização como histórico social é o fato de os elementos constitutivos desse processo serem resultado de práticas sociais e essa se constituir também uma prática social. As crianças não inventam, durante o processo de alfabetização, o sistema da escrita, o lápis, o caderno etc. e nem tampouco inventam os modos de sua utilização; elas se apropriam do resultado do desenvolvimento social e, ao fazerem, garantem a continuidade da história e, portanto, a construção de novos instrumentos, novas práticas pelo processo de diversificação e reconstrução das já existentes. Acredito que esses elementos, por si sós, evidenciam a inconsistência e a falta de sentido em querer colocar a alfabetização no “âmbito do individual” e o processo de letramento no âmbito do sócio-histórico.

Diante disso, torna-se mister haver formas variadas de inserir a criança no mundo letrado, desde que se torne para ela prazeroso e o mesmo tempo desperte a curiosidade e interesse pela leitura e escrita.

Se a criança desde muito cedo apropria-se desse objeto cultural que é a escrita, descrição feita no diário de bordo dia 30 de outubro;

Neste mês minhas anotações não foram diretamente sobre as aulas, mas de um modo geral sobre o efeito dos conteúdos.

Propus vários desafios durante este mês para meus pequenos. Um deles foi que, partindo do que já aprenderam, escrevessem palavras. Como é habitual na sala, as atividades são exploradas enfatizando as letras, sons e a interpretação. Permiti que individualmente escrevessem palavras ditadas por mim, o que e como entenderam.

Fiquei maravilhada ao ver o resultado: a maioria compreendeu o processo da escrita, iam repetindo a palavra e escrevendo, logo após liam o que tinham feito.

A intenção não era se estava certa ou errada a escrita, mas analisar se realmente entendiam o que estavam fazendo; alguns escreviam a palavra faltando letras, outros apenas usavam letras desconexas umas das outras.

Outros ainda iam associando as letras a figuras e sons; eles não tinham que escrever ou ler palavras, mas as atividades durante todos estes períodos estavam surtindo efeito com aqueles pequenos. Apenas estavam reproduzindo ali o que interpretavam.

O papel do professor nesta constante inserção é de fundamental importância. Para compreender as nuances deste processo, é essencial o sucesso no ato de alfabetizar.

O que se observa é que está muito distante a compreensão deste processo de alfabetização. Apesar de existirem estudos que nos levam a crer na melhora, ainda se faz necessário que a formação docente seja de qualidade e de interesse destes profissionais para que haja êxito no sistema de ensino e aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste memorial, relatei vivências de infância, minha inserção no mundo da alfabetização, a trajetória de uma estudante e professora.

Durante este período de formação na pós-graduação, foi possível rever algumas angústias que há tempos vinham me perseguindo, reviver memórias e analisar meu próprio trabalho enquanto docente, além dos desafios que encontrei nessa fase de formação, que influenciaram diretamente em meu trabalho enquanto docente.

Ao me colocar como protagonista deste trabalho e desvelar as minhas dúvidas por falta de desconhecimento de teorias, procurei analisar minhas vivências em sala de aula, além de analisar autores que contribuíssem com meus estudos sobre o tema escolhido.

Verifico que obtive avanços em se tratando de conhecimentos teóricos, pois diariamente auxilia-me na compreensão de como desenvolver meu trabalho; porém, em se tratando de apreender para fazer, fica patente ser o início de uma longa caminhada.

É fundamental para todo e qualquer professor uma formação que lhe dê parâmetros e subsídios para enfrentar os desafios que lhe são propostos diariamente. Diante disso, percebo que hoje tenho mais fundamentos para exercer minha função enquanto docente.

As vivências são importantes para analisar o dia a dia em sala de aula, verificando sempre teorias que contribuam no desenvolvimento do trabalho em sala.

É claro que, ao analisar as teorias aqui relatadas e comparar com a atual situação da alfabetização e até mesmo do nível de formação da maioria dos professores em nosso país, ainda estamos longe de obter resultados plausíveis, mas os estudos levantados por autores muito têm contribuído para que este quadro venha a ser transposto de forma positiva em nossa sociedade.

A formação dos docentes ainda continua carente; é necessária uma contínua formação de acordo com o interesse destes profissionais em conhecer suas práticas e melhorá-las.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCE Alessandra; MARTINS Ligia Márcia. **Quem tem medo de ensinar na Educação Infantil?** Em defesa do ato de ensinar. Campinas, SP: Editora Alínea, 2010. 2ª. ed.

AZEVEDO, Xandreli. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/xandreli/ela-quer-ser-alguem.html>> Acesso em: 25 de janeiro de 2016.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf1/proejalei9394.pdf>> Acesso em: 16 de fevereiro de 2016.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental Referencial curricular nacional para a educação infantil/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: II.

GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. **A escrita infantil**. São Paulo: Cortez, 2008.

GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. **Alfabetização: A criança e a linguagem escrita**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007. 2. Ed

GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. **As crianças e a linguagem escrita**. Revista DataGramaZero v.4 n.5 out/03 Disponível em: <http://www.dgz.org.br/out03/Art_03.htm> Acesso em: 22 de fevereiro de 2016.

GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. **O processo de alfabetização: novas contribuições**. São Paulo. Livraria Martins Fontes Editora Ltda. 2002.

GOULART, Cecília. **Práticas de Letramento na Educação Infantil: O Trabalho Pedagógico no Contexto da Cultura.** Teias: Rio de Janeiro, ano 7, nº13-14, jan/dez 2006

MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão. **A Prática Pedagógica Histórico-Crítica: na educação infantil e ensino fundamental.** Campinas, SP: Autores Associados, 2011. - (coleção Educação Contemporânea)

MARTINS, Maria Sílvia Cintra. **Quem tem medo de ensinar na Educação Infantil?** . em defesa do ato de ensinar. Campinas, SP: Editora Alínea, 2010. 2ª. ed.

MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

NASCIMENTO, Milton. **Coração de estudante.** Disponível em:<<http://m.youtube.com/watch?v=gYeO2EODL...>> Acesso em: 24 de fevereiro de 2016.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas.** Disponível em: <<http://stoa.usp.br/carloshgn/files/1/20292/GrandeSertoVeredasGuimaresRosa.pdf>>Acesso em: 25 de janeiro de 2016.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** São Paulo: Editora Contexto, 2011. 6. ed, 1ª reimpressão.

STMMER, Maria Regina Goulart S. **Quem tem medo de ensinar na Educação Infantil?** . Em defesa do ato de ensinar. Campinas, SP: Editora Alínea, 2010. 2ª. ed.

APÊNDICES

DIÁRIO DE BORDO

Fevereiro do ano de 2015.

O ano letivo começou e, com ele, toda uma expectativa, ansiedade e medo. Apesar de lecionar há dez anos na educação infantil, todo início do ano letivo fico com esse frio na barriga.

Nas primeiras semanas, eram dezesseis alunos, todos com quatro anos e meio. Em minhas primeiras impressões, crianças muito imaturas e dependentes da professora e, de início, fiquei desanimada, pois não davam retorno nas atividades propostas a elas, pareciam estar me testando a todo tempo, chegava em casa muito cansada e pensativa no que iria fazer no dia seguinte.

As atividades eram mais de sondagem, avaliando o que já sabiam, mas no geral apresentavam muitas dificuldades com coordenação motora.

Na segunda semana, recebi mais um aluno transferido do período matutino. Com ele vinham informações de que seu desenvolvimento não foi satisfatório devido a muitos problemas de ordem familiar, mas também com professoras, ele não se interessava por nada, ficava o tempo todo fora da sala e não concluía nenhuma atividade.

Os alunos o receberam bem, ele, bem maior que todos, não quis saber de nada e dormiu quase a tarde toda, estava cansado.

No dia seguinte chegou com aparência mais leve, com os olhos ainda tristes. Tivemos uma boa conversa, de início não queria aproximar de mim, insisti várias vezes, chegou devagar e com timidez me abraçou, conversamos, dizia estar cansado e que gostaria de dormir novamente, expliquei a ele que antes seria necessário participar da aula um pouco e se o cansaço persistisse deixaria que ele dormisse.

Mas depois daquela conversa aquele aluno nunca mais foi o mesmo: sentou, ouviu, realizou suas atividades e se entregou a novas amizades.

Os dias do mês de fevereiro do ano de 2015 foram passando e minha preocupação só aumentava, percebia que teria que mudar a maneira de explorar os conteúdos com estes pequenos devido à imaturidade deles.

Apresentavam muito interesse em brincar, mas não sabiam dividir, partilhar uns com os outros, adoravam massinha de modelar e histórias, nas brincadeiras de roda participavam, mas tinha logo que mudar o foco.

São crianças bem ativas, vagarosas no realizar das atividades e demonstram pouco capricho. Às vezes percebo que estão estranhando muito a forma que me dirijo a eles, aparentam ter dificuldades com regras e limites.

Nas atividades durante este mês de fevereiro fiz uso de formas mais concretas, figuras, formas geométricas, músicas, recortes livres, jogos de encaixes, movimentos, entre outros.

Estou procurando diversificar as atividades para melhor avaliar o interesse dos pequenos, trabalhando com o próprio nome da criança através de ficha, poesia, associando a letra do nome a figuras e possíveis nomes ou objetos iniciados com a mesma, os traçados são mais livres sem limites determinados.

As atividades envolvendo a lateralidade, movimentos e expressões corporais são através de brincadeiras mais lúdicas onde percebo que eles têm maior envolvimento, assim como as atividades que envolvem formas cores e conceitos; o concreto tem sido essencial: ao manipular, eles trocam informações, interagem uns com os outros.

O mês já está quase no fim, foram difíceis estas semanas de adaptação, bem cansativas, pois as crianças não demonstram interesse e tampouco capricho; o tempo todo preciso lembrá-los das regras na sala, apenas alguns possuem capricho e interesse.

Fazendo uma avaliação de tudo o que passamos nestas semanas, percebi que as atividades devem ter uma linha diferente. Por gostarem muito de história, tentarei envolvê-los mais na produção e interpretação oral de pequenos textos, coleta de figuras para que possam devagar criar autonomia e independência em seus recortes.

Dia 2 de março.

Iniciar o mês de março é ter esperança de que tudo vai melhorar. Em todos os sentidos, é desafiador trabalhar com estes pequenos, mas sei que todos possuem capacidade de apreender. Hoje comecei a intensificar as atividades por já ter introduzido em fevereiro atividades relacionadas ao nome, recortando letras e palavras, associando inicial a figuras.

Junto com a ficha do nome, irei introduzir as vogais, assim como já feito com a letra “a” nas atividades de sondagem no mês anterior. Hoje as atividades foram com a letra “e”, na rodinha tinham que identificar nomes de colegas que iniciavam com a letra, fazendo associação a objetos e figuras.

Fiquei feliz com o envolvimento deles, facilmente identificaram nomes de colegas da sala e até mesmo da letra no meio do seu próprio nome, adoraram procurar na revista a letra e recortar; o traçado foi livre na lousa, no pátio da escola devido à coordenação.

Dia 4 março.

Por estarem bem agitados devido ao final de semana, a aula não obteve um grande rendimento hoje, percebi que nos traçados livres apresentaram maior desenvoltura. É necessário trabalhar com figuras para melhor compreensão, nas atividades visomotoras, alguns apresentam dificuldades.

Já faz algumas semanas que iniciamos o ano letivo; às vezes me desespero, crendo que não conseguirei obter sucesso com essa turminha de alunos. De todas que já preparei, estes são os mais novos.

Tenho chegado em casa muito cansada e desanimada, fico horas pensando de que maneira trabalhar com eles, que estratégias poderei utilizar para melhor sanar suas dificuldades. O mês acabou e os desafios só estão começando.

Dia 6 março.

Hoje já é início de março e, nas atividades de rodinha, trabalho diversos itens como data, contagem, chamada, tempo, conversas dirigidas e espontâneas, histórias, leitura de imagens entre outras; minha intenção é intensificá-las para que possam participar mais. A maioria deles adveio da mesma sala e estão habituados uns com os outros, contudo, às vezes ou na maioria delas isto atrapalha o andamento da sala, seja por afinidade demais ou por falta dela.

Dando sequência nas atividades com vogais já iniciadas no mês anterior, hoje percebi que tiveram mais dificuldades em relação ao traçado da letra E: antes das atividades no papel, fazemos todo um ritual, andamos por cima no chão, traçamos livremente na lousa ou na quadra, passa-se o dedinho, fazemos colagem, recortes da letra e depois o traçado em folha respeitando o limite de cada um.

Apesar de terem tido mais dificuldades, fizeram as atividades e percebi que adoram recortar; quando encontram a letra proposta, ficam eufóricos.

Nas atividades de movimento, usei música que trabalha a lateralidade. Gostaram muito, mas tem a “pequena”, que não participa de nada até o momento. Não fica sentada, não obedece a nenhuma regra da sala e tem um gênio forte, é uma verdadeira líder. Ainda estou muito apreensiva com a sala.

Pela primeira vez, hoje a “pequena” sentou-se na rodinha, participou das atividades e nosso papo foi sobre o dia da mulher. De forma divertida, manusearam figuras de diferentes tipos de mulheres, contribuíram dando sua opinião, a maioria da sala faz leitura de imagens com riqueza de detalhes, a reprodução do assunto abordado em forma de desenho foi bem satisfatória.

Nas atividades sub seqüentes, demoraram muito no realizar, seja por excesso de conversa, seja por parecer não terem limites e isso complica mesmo o andamento das atividades. Quando fomos à brinquedoteca, fiquei decepcionada, a maioria não sabe brincar, são possessivos, não sabem dividir e o tempo todo tive que intervir explicando como fariam; a maioria perdem o interesse muito rápido pelo brinquedo. A semana não foi fácil, mas percebo que as histórias, as imagens têm surtido efeito na sala.

Dia 9 de março.

As crianças chegaram tagarelas, a roda de conversa foi produtiva, narraram tudo que fizeram no final de semana. Percebo através destas nossas conversas o quanto a presença da família faz a diferença na vida destes pequenos e como, por vezes, tenho que contornar situações que não estão previstas na minha profissão. Devo estar preparada para orientar e ajudar; por inúmeras vezes o apoio que recebem é só o da tia na sala de aula.

A proposta da atividade era fazer amassadinho de crepom para desenvolver a coordenação; antes de iniciar, trabalhamos com o nome de cada cor, cada um falou sua cor e, com ajuda de todos, fomos transcrevendo na lousa, explorando a inicial de cada cor, identificando vogais e contando quantas letras eram necessárias para formar o nome de cada cor.

Todos estavam curiosos sobre o que seria feito com aqueles papéis coloridos. O segundo passo seria sentir a textura do papel, fazer movimentos com os dedos de fora para dentro puxando o papel com as pontas dos dedos até formar uma bola e acertar o alvo - no caso, o cesto, fizemos por repetidas vezes estes movimentos com as mãos e, para finalizar, fizemos uma bela colagem.

Usando objetos, exploramos as formas geométricas, as iniciais de cada uma, identificando letras. Para concluir, fizemos perfuração no desenho da forma geométrica, eles adoraram a aula, foi muito proveitoso ver o envolvimento deles nas atividades.

Dia 12 de março.

Com o passar dos dias percebo estamos nos conhecendo melhor, e isto tem contribuído para o bom andamento da sala. Porém, a experiência de a sala ter ficado com a professora eventual por motivos de força maior fez-me perceber que, no dia seguinte, a sala estava realmente desestruturada, estavam agitados quando propus a atividade de nomear objetos na sala. Pelo fato de termos uma pequena com implante coclear, optei por fazermos a nomeação de todos os objetos da sala com a ajuda de todos.

Foi incrível o envolvimento e a compreensão de todos; a pequena do implante repetia as letras dos objetos e ajudava os colegas a colar em cada um, a participação foi ótima, dividiam, interagiam e ao mesmo tempo estavam aprendendo. Fiquei muito feliz com a aula hoje.

Dia 16 de março.

Começamos com material novo hoje: apostila. As atividades que tínhamos que realizar eram de interpretação de imagens, registro por meio de escrita, desenho e brincadeiras com parlenda referente ao nome; transcrevi a parlenda no papel manilha para melhor visualização da turma, o objetivo desta atividade era que identificassem o nome do colega fazendo associação entre letras, imagens e desenho. O resultado foi muito bom, os desenhos que fizeram uns dos outros ficaram lindos, assim como a escrita, entenderam a sequência das letras e o mais importante, interpretaram com êxito o que foi pedido.

Percebo que a cada dia a sala tem correspondido melhor aos conteúdos trabalhados como também no comportamento, estão se envolvendo mais nas leituras de imagens e interpretação orais dos textos. Procuro variar entre poesia, poemas, músicas, histórias e brincadeiras cantadas.

Sempre debatemos sobre o que é proposto para o dia, tenho a impressão de que estão compreendendo, através de seus relatos, o envolvimento com as atividades e a forma que estão interpretando os textos a cada dia, estão vencendo suas limitações e dificuldades. Quando manuseiam os livrinhos de história, peço que recontem o que entenderam da história observada, é impressionante o repertório e os detalhes que a maioria consegue incluir em sua imaginação enquanto contam o que estão vendo.

Dia 18 de março.

Hoje foi uma aula tranquila, trabalhamos com um poema “O nome do cata-vento”. Como de costume, transcrevi o poema no papel pardo, li para que pudessem ouvir, fizemos interpretação oral refletindo sobre o que o poema dizia, destacamos

as vogais e as iniciais do título do poema; na medida em que encontravam as vogais, pintavam uma cor para cada letra.

Confeccionaram e personalizaram o cata-vento como quiseram, fomos brincar no pátio da escola e depois fizeram o registro da aula por meio de desenho. Foi muito divertida a aula, as crianças estavam felizes e as produções ficaram lindas.

Dia 19 de março.

Preparei meu plano de aula pensando nos meus pequenos, hoje seria a parlenda da igreja, faltou uma professora e seus alunos foram divididos entre as outras professoras; ainda estava no início da aula contando uma história “O que não cabe em mim inveja”, quando adentraram à porta da sala, sentaram na rodinha e retornei novamente a história, o assunto rendeu, fiquei impressionada ao ouvir a interpretação daquela turminha sobre este assunto.

Apesar de serem tão pequenos e novos em relação às outras turmas da escola, relataram suas impressões sobre a inveja, sentimento negativo que não faz bem; o tempo todo indagava-os, e a maioria sabia explicar que sentimentos eram aqueles de que falavam, foi muito produtiva nossa roda de conversa.

Mas quando fomos realizar as atividades, a aula não rendeu, ficaram agitados e falantes, foi muito cansativo.

Dia 23 de março.

Hoje a proposta para aula era montar um gráfico com os aniversariantes de cada mês do ano, com o objetivo de identificar os meses do ano, suas iniciais, números, cores, forma, noção de quantidade e resolução de situações problemas.

Para cada mês, utilizamos cores diferentes e forma geométrica do retângulo, montamos em uma cartolina para que visualizassem melhor e conseguissem interpretar. Durante a montagem, fomos debatendo, fazendo levantamentos de hipóteses e lançando desafios para que pudessem interagir e solucionar suas dúvidas, mas a turma estava agitada, fiquei triste, pois não houve o rendimento esperado.

Dia 24 de março.

Após a educação física, contei uma história cujo tema era 'o que não cabe no meu mundo: a preguiça.' Foram feitas interpretações orais, debatemos sobre o assunto por um tempo e, através do tema da história, pedi que identificassem as vogais, depois fizemos as atividades propostas. Percebo que é através das histórias que consigo maior resultado com a turma. Eles conseguem de maneira mais clara compreender as atividades, demonstram mais alegria e tudo fica mais leve.

Dia 27 de março.

Encerramos a semana e estou preocupada, na maioria das atividades propostas para a turminha é preciso muita insistência para que possam concluí-las.

Na atividade de hoje manuseamos várias figuras referente a documentos pessoais, eles são bem receptivos em participar de debates e contribuir nos questionamentos feitos.

Na resolução de situações problemas, fiquei feliz com as respostas; como perceberam soluções pertinentes para a atividade, tinham que representar através de desenho o que fariam se perdessem um documento e se encontrassem um na rua. As produções foram proveitosas.

Dia 30 de março.

Hoje tivemos a presença da supervisora na sala, as crianças ficaram agitadas, mas mesmo assim a aula seguiu, fizemos nossa rotina do dia e trabalhamos com um texto informativo sobre arquivista.

Fizemos um trabalho extraclasse dirigindo-nos até a secretaria da escola para visitar os arquivos, para que tivessem uma ideia de como é um arquivo.

Exploramos todas as possibilidades, desde como é a organização, começo e fim de um arquivo por ordem alfabética, e quem era responsável por ele.

Usei a terminação da palavra 'arquivo' para reforçar a vogal 'o'; agora já entendem o que é uma palavra e sabem encontrar sozinhos na revista e recortar.

Na conclusão da atividade da apostila, fizeram a escrita imitativa do nome da pessoa responsável pelo arquivo da escola. Servi como escriba dos alunos, mas eles foram identificando a inicial do nome associando o som das letras, dizendo qual era a letra que eu tinha que escrever na lousa, depois representaram através de desenho a pessoa.

Que bom perceber que aos poucos meus pequenos estão compreendendo o que eles mesmos realizam e escrevem. Apesar de trabalhar as letras por ordem alfabética, não deixo de explorá-las em outros contextos e isso tem contribuído melhor para o aprendizado da turma.

Dia 1 de abril.

Hoje ficamos por conta do tema da Páscoa. Como já tínhamos assistido a um vídeo sobre o tema, debatemos e todos contribuíram com sua opinião.

Fizemos uma dramatização da história 'O coelho pula-pula'; caracterizei todos com pintura no rosto, o tempo todo estavam envolvidos interagindo uns com os outros e, na hora da apresentação, foi emocionante: minha pequena – a do implante, que nunca participava, foi a vovó da história, ficou o tempo todo concentrada e fez com louvor até o final. Tudo foi simples, mas presenciar a desenvoltura e expressividade dos pequenos foi lindo e, o mais importante, entenderam o que estavam interpretando.

Dia 6 de abril.

Ao voltarem do feriado, vieram agitados. Retomamos as atividades da apostila recordando sobre o arquivista, as vogais, a proposta era que destacassem figuras de brinquedos e separassem para arquivar.

O desafio era que encontrassem formas de separar estas figuras e depois compartilhassem com a turma os critérios que utilizaram para fazer isso.

As ideias foram muitas, o envolvimento deles com aquela atividade tentando solucionar as situações problemas foi gratificante; alguns separavam as figuras de acordo com seus atributos, os brinquedos que eram feitos de tecido, os que eram de peças de montar e por cores semelhantes.

Fiquei feliz ao observar que a turma conseguia chegar a uma conclusão, compartilhavam suas ideias fazendo levantamento de hipóteses para resolver as questões. O diálogo estava presente a todo o momento.

Houve o momento da escrita imitativa, em que a contribuição e o envolvimento dos pequenos estavam presentes, identificando as letras, fazendo associação entre os sons. Servi como escriba deles para que copiassem o banco de palavras dos nomes dos brinquedos que tinham separados e, em seguida, representassem por meio de desenho seu papel como arquivista.

Que bom perceber que os pequenos compreendem o que fazem. Os diálogos estão cada vez mais pertinentes às situações lançadas como desafios para eles, estão mais comprometidos com o que realizam nas atividades, e as aulas estão se tornando cada vez mais produtivas pelo fato de que tudo tem feito sentido para eles.

Dia 8 de abril.

Hoje me surpreendi na aula, alguns fatos que ocorrem dentro da sala de aula fazem com que possamos acreditar que vale apenas insistir no que acreditamos. As atividades de rotina na rodinha são sempre marcadas por relatos dos pequenos desde problemas familiares, seus medos e inseguranças até fantasias e desejos para o futuro.

Em especial hoje, não foi diferente. Iniciamos nossa aula com as rotinas do dia e, quando fomos fazer a contagem dos coleguinhas, sempre permito que eles contem e registrem na lousa a quantidade e o número referente a esta quantidade.

A pequena que foi registrar a quantidade na lousa fez o seguinte relato: Tia, você sabe por que já sei contar e reconheço todos os números?

E eu, como desde o início do ano letivo já tinha percebido que esta pequena demonstrava um interesse muito aparente em tudo, respondi: Por quê?

E ela continuou, 'sabem, coleguinhas, desde que eu era muito pequena minha mãe me levava para o trabalho dela, lá no supermercado do meu vovô, quando ela ia arrumar as prateleiras já me mostrava os números e as letras nas mercadorias, sentava pertinho dela no caixa e brincava nas teclas do computador, repetia pra elas o nome das letras, números e as continhas faziam bolinhas no papel foi assim que comecei a aprender'.

E ainda continuou: Minha mãe me conta muitas histórias, faço desenhos e treino minha mãozinha em casa.

Realmente é nítido que esta pequena é marcada por incentivos: para ela, a fantasia do aprender é marcada por prazer em tudo que faz. O tempo todo ela incentiva os coleguinhas a aprender, suas narrativas em sala são pertinentes aos relatos de sua mãe sobre o interesse nos livros e tudo que visualiza em casa, nas ruas, sempre tentando interpretar o que vê.

Que alegria perceber que o incentivo desta pequena em relação aos outros tem surtido efeitos positivos.

Dia 10 de abril.

As histórias como já relataram aqui, têm feito parte das nossas aulas, e procuro associá-las à aula do dia. Hoje foi à história 'Festa no céu', a interpretação oral é sequente em todas elas.

Destacamos os personagens da história fazendo um banco de palavras com alfabeto móvel, identificamos as vogais fazendo contagem e registro não convencional.

Realizamos atividade referente à vogal 'u' relacionando-a ao nome do personagem da história: o urubu. Neste sentido, relacionar sempre a letra ou o número do dia a uma história prende a atenção, faz sentido e chama atenção dos pequenos.

As aulas têm sido mais produtivas, e minhas preocupações do início do ano já não estão me inquietando mais. Ainda tenho exceções de alguns alunos que encontram dificuldades, até porque não são tão bem assistidas pelos pais e o reflexo disso em sala é visível no aprendizado.

Dia 13 de abril.

Iniciei outra unidade da apostila, 'O lugar onde vivo é assim', manuseamos e fizemos recortes de diferentes lugares onde as pessoas vivem.

Na medida em que encontravam as figuras, debatíamos sobre o lugar, fazendo levantamento de hipóteses e explorando as mais diversas situações, ampliando o imaginário de cada um.

No finalizarem a atividade, tinham que escolher uma figura para a colagem e dizer o porquê da escolha. Pelo envolvimento deles percebi em suas narrativas que

entenderam que as pessoas vivem em diferentes lugares, com semelhanças ou diferenças.

Ao chegarmos à brinquedoteca hoje, antes que se apropriassem dos brinquedos, tivemos uma conversa e me surpreendi pela primeira vez no ano: brincaram uns com os outros, imaginando, criando e interagindo com o imaginário do outro.

Dia 15 de abril.

Ao manusear histórias em quadrinhos, pois a proposta hoje era este gênero textual, fizemos a leitura de imagens e interpretação oral, relacionando a vida na roça e na cidade do Chico Bento.

Agora já conseguem interpretar com riqueza de detalhes e retratam em seus desenhos sua opinião sobre o assunto. Antes seus desenhos eram desconexos com suas narrativas, agora são mais visíveis em suas formas e detalhes.

Dia 10 de Junho.

Passei um bom tempo sem fazer meus registros; ocorreram vários fatos que me deixaram desmotivadas.

É uma luta constante sobre o fazer, necessidade de cumprir as burocracias, sensação de que estou o tempo todo reproduzindo; tenho a necessidade de mudar isso, mas o sistema não me permite.

O conflito entre as leituras que tenho feito e minha realidade é constante, cada vez tenho a certeza de que aprofundar meus estudos para melhorar minha prática é fundamental.

Dia 12 de agosto.

Retomando minhas anotações, já na segunda semana de agosto, com a volta das férias meus pequenos estão bem diferentes, amadureceram, sendo perceptível na roda de conversas pelos relatos feitos por eles.

Ao recordar o início do ano letivo e observá-los agora, foi válido tudo por que passamos, as leituras de imagens, manuseios de livros, revistas e jornais, as intensas atividades usando alfabeto móvel, as histórias, poemas, músicas. Enfim, as diferentes formas de inseri-los no mundo da escrita têm ampliado sua forma de interpretar.

Apesar de serem diferentes entre si, cada um traz para a sala de aula diferentes realidades, todos têm desenvolvido tanto a linguagem oral como a escrita.

Dia 17 de agosto.

As crianças manusearam figuras de brinquedos antigos e contemporâneos na aula de hoje, fazendo comparações entre eles para relatar diferenças e semelhanças entre as figuras.

Fizeram interpretação do texto informativo sobre como as crianças indígenas brincam, as impressões dos pequenos sobre o assunto relacionado aos brinquedos foram muito boas. É interessante como eles relacionam as informações prévias, que já possuem sobre o assunto, com as que ainda desconhecem, fazendo a ligação entre uma e outra, e os debates têm se tornado produtivo na aula.

As atividades foram relacionadas aos tipos de materiais usados para confeccionar estes brinquedos, identificando as iniciais de cada um, contando as letras, fazendo associação aos números correspondentes e à escrita espontânea do nome desses brinquedos.

Na escrita espontânea, percebe-se que alguns alunos já apresentam facilidade entre o som e letra e, com isso, conseguem formar sílabas. Fato este que diariamente noto: as crianças que possuem contato com diferentes formas de gêneros textuais e estímulo em casa apresentam mais facilidade com as atividades em sala.

Dia 19 de agosto.

Estamos trabalhando sobre diferentes tipos de manifestações folclóricas. O texto informativo de hoje foi sobre Heitor Villa-Lobos e suas releituras sobre as cantigas de roda.

Brincamos e fizemos a interpretação da cantiga 'Fui ao Tororó'. A atividade proposta era identificar as rimas da cantiga e pintar seguindo a legenda das cores. De início tiveram um pouco de dificuldade, tive que intervir usando outros meios para que compreendessem, mas, com as brincadeiras de roda, cantando a cantiga, eles conseguiram entender o que é rima, identificaram na letra e concluíram a atividade.

Minha impressão em relação à sala tem melhorado a cada dia. Apesar da minha carência em não compreender muitas coisas e questionar meu trabalho o tempo todo, tenho estado em paz em relação aos pequenos: eles estão aprendendo.

Dia 21 de agosto.

Na aula hoje tive um desafio, ao trazer para a sala de aula a música 'Brasileirinho', dando sequência às atividades que retratam a vida de Villa-Lobos. A proposta era que ouvissem a música após nossa conversa na roda e fizessem uma representação por meio de desenho do que sentiram ao ouvir este estilo musical.

Uma pequena logo se manifestou com indignação, dizendo que não iria realizar esta atividade, pois não sabia como desenhar isto.

A meu ver naquela situação, tinha que acalmá-la e ao mesmo tempo orientá-la para que concluísse sua tarefa; coloquei-me a pensar o que fazer para que ela compreenda e faça sentido para ela.

Nunca tive uma formação musical, as escolas que frequentei também não desenvolviam nenhum trabalho neste sentido. Reportei-me às leituras que estava fazendo para conclusão do meu trabalho de curso, recordando que uma das autoras traz em seus estudos a seguinte fala: "O conhecimento é construído a partir da interação que as crianças estabelecem com outras crianças e com o meio, de forma ativa". (Arce 2010 pag.22).

Retomei a música junto com a turminha e oralmente reproduziram suas impressões em relação a ela; cada um foi falando o que sentiu e entendeu, sem ter certo ou errado, interagiam com a opinião do outro e reproduziram o que disseram, aquela pequena envolveu-se com as falas dos colegas com timidez, falou o que achava sentou na sua mezinha e lá reproduziu seu sentimento.

Fiquei aliviada ao ver que ela se sentiu capaz, é uma menina que contribui muito na sala, adora contar histórias para os colegas, quando segura um livro em

suas mãozinhas, ninguém diz que ela está apenas narrando o que vê nas imagens, parece estar lendo realmente, sua linguagem é própria de um leitor.

Dia 27 de agosto.

Fizemos interpretação com imagens de obras de arte. Eles percebem detalhes, debatemos sobre as imagens fazendo levantamentos de hipóteses para que viessem a compreender sobre as diversidades de manifestações culturais existentes no nosso país.

Ouvimos a música do boi-bumbá e, depois de confeccionar a máscara do boi, concluímos as atividades, brincando e dramatizando a música.

Dia 31 de agosto.

O mês chega ao fim. Nossas atividades foram marcadas por diferentes gêneros textuais, as crianças envolveram-se nas atividades propostas.

A maioria da sala tem êxito nas atividades tanto no realizar quanto no compreender, a interpretação das músicas e brincadeiras cantadas muito ajudou durante este mês em que trabalhamos sobre o folclore.

Dia 2 setembro.

Estamos estudando a unidade da apostila que se refere às plantas. O texto informativo era sobre cuidar e preservar, nossa conversa foi longa, eles sabem e têm consciência de como se deve cuidar do meio ambiente.

Na atividade, tinham que montar um quebra-cabeça da vitória-régia e depois fazer a interpretação em forma de pintura; eles adoraram, retrataram bem a planta, pois tinham participado do debate sobre o texto, fizeram a transcrição do nome da planta.

A aula tem se tornado cada vez mais produtiva, eles estão felizes por vencerem a cada dia suas dificuldades.

Dia 4 setembro.

Trabalhamos hoje com carta enigmática, em que tinham que identificar a inicial de cada palavra usando o alfabeto móvel e associar sílaba as famílias silábicas.

Fizemos pesquisa sobre o guaraná e suas utilidades, com figuras e texto informativo. As crianças correspondem bem às atividades com alfabeto móvel, compreendem a sequência das letras na escrita de palavras e também as identificam.

Alguns necessitam de ajuda e orientação, mas a maioria já faz só ouvindo as explicações.

Dia 8 de setembro.

Fomos observar uma planta que existe na entrada da escola. Como já é uma arvorezinha, aproveitamos um pouco da sua sombra e lá sentamos para iniciarmos nossa aula.

Ao observarem esta planta e conversarmos sobre ela, as crianças iam relatando o que viam; após as observações feitas por elas, contei-lhes o nome daquela planta e para que serve (urucum), como o povo indígena utilizavam no seu cotidiano aqueles frutos e folhas.

Levamos para sala alguns frutos, manuseamos figuras e alguns outros pigmentos naturais que tinham trazido para a sala, o açafrão, pó de café e o próprio urucum em pó para que fizessem comparação e sentissem o cheiro.

Misturamos estes pigmentos com cola e água, depois fizemos impressão com as mãos, seguimos as atividades com a escrita do nome destes pigmentos e suas utilidades; as crianças gostaram muito.

Dia 15 de setembro.

Hoje logo após assistir a um vídeo que trazia informações sobre o ipê, observamos do lado do portão da escola alguns pés da planta, coletamos algumas folhas e flores que estavam ao chão e fomos para a sala realizar as atividades.

Montamos um banco de palavras das cores de ipês, exploramos suas utilidades através de texto informativo, realizamos a escrita imitativa sobre o ipê, um pequeno texto.

Servi como escriba deles, relatando suas impressões sobre a planta, escrevia na lousa e eles copiaram.

Fiquei orgulhosa conseguem expor suas ideias e sabem que também podem transcrevê-las para o papel.

Dia 29 de setembro.

As atividades seguiram durante este mês de acordo com as unidades da apostila. Sempre procuro associar um item a outro e os pequenos estão cada vez mais envolvidos.

Nos momentos em que estão manuseando os livros de historinhas, sempre permito que alguém escolha um livro e reconte-a para os coleguinhas. Tenho um pequeno que, mesmo presenciando em sua casa um mundo letrado – já que sua avó é professora, ainda encontra dificuldades para expressar; suas experiências familiares afetam diariamente seu aprendizado em sala, suas faltas são frequentes. Quando questionava a avó, os argumentos eram de que, por compaixão de não ter os pais presentes, não exigia dele a presença na escola e tampouco a feitura das tarefas, que seguem para a casa ou do seu próprio aprendizado.

Por outro lado tenho outros que também enfrentam problemas de ordem familiar e sabem conviver com estes conflitos; tenho a impressão de que, para estes, a escola é de fato um refúgio. Conseguir realizar aquilo que lhe é ensinado ou proposto é uma vitória.

Dia 30 de outubro.

Neste mês minhas anotações não foram diretamente sobre as aulas, mas de um modo geral sobre o efeito dos conteúdos.

Propus vários desafios durante este mês para meus pequenos. Um deles foi que, partindo do que já aprenderam, escrevessem palavras. Como é habitual na sala, as atividades são exploradas enfatizando as letras, sons e a interpretação. Permiti que individualmente escrevessem palavras ditadas por mim, o que e como entenderam.

Fiquei maravilhada ao ver o resultado: a maioria compreendeu o processo da escrita, iam repetindo a palavra e escrevendo, logo após liam o que tinham feito.

A intenção não era se estava certa ou errada a escrita, mas analisar se realmente entendiam o que estavam fazendo; alguns escreviam a palavra faltando letras, outros apenas usavam letras desconexas umas das outras.

Outros ainda iam associando as letras a figuras e sons; eles não tinham que escrever ou ler palavras, mas as atividades durante todos estes períodos estavam surtindo efeito com aqueles pequenos. Apenas estavam reproduzindo ali o que interpretavam.

Dia 25 de novembro.

Aqui quero deixar um relato deste ano letivo. Tive receio de que meus pequenos brutos não chegassem até as etapas propostas e realizadas, por serem muito novos e por terem tido muitas dificuldades no início.

Sei que muito ainda tenho que aprender nesta minha profissão, mas o que me leva a permanecer é chegar ao final do ano e observar que crescemos juntos e aprendemos.

Os diálogos em sala, a postura, os debates, as hipóteses levantadas, as situações-problemas solucionadas, as interpretações diversas e diárias feitas, os contos e recontos, as músicas e expressões, as brincadeiras realizadas e as que ficaram por realizar. Enfim, as propostas em sala foram recorrentes no dia a dia destas crianças que me acompanharam durante este ano letivo, eles venceram seus próprios medos e a cada dia eu presenciava o crescimento de cada um. Mesmo com suas limitações, cada um obteve crescimento e aprendizado. Agora já quase finalizando este ano, minhas impressões em relação a esta turminha são de vitória e crescimento no aprendizado.